

# Avaliação psicológica do adolescente e do risco (\*)

MARIA EMÍLIA MARQUES (\*\*)

## I

O nosso contributo para estas Jornadas deve, antes de mais, ser estabelecido e clarificado quanto ao seu alcance e limites. Para tal, consideramos essencial explicitar que as concepções aqui expressas estão ancoradas à volta de três eixos, cujas concepções, para as quais remetemos, foram por nós amplamente apresentadas e fundamentadas (cf. M. E. Marques, 1999). Assim, aquilo que aqui propomos é um (re)texto, no sentido que é, ao mesmo tempo, uma síntese e uma aplicação das concepções que temos vindo a desenvolver, inscritas em acepções específicas e articuladas entre a Psicologia Clínica, a Psicanálise, a Metodologia Projectiva e a Adolescência. As concepções que fundam, servem e expressam os objectivos, os campos de reflexão e as propostas que enunciaremos são:

- 1) Concepções específicas sobre a *adolescência*: a adolescência é considerada como um

*período de desenvolvimento*, marcado por uma enorme quantidade e qualidade de *processos inter, intra-psíquicos e relacionais*, cuja natureza é assaz complexa mas também dinâmica. Inscrita a sua compreensão num modelo teórico específico, do qual está excluída qualquer referência à psicopatologia, a adolescência é considerada como um *processo transformacional* onde se criam, recriando, novos objectos e onde opera um trabalho feito de ligação, comunicação, transformação e (re)criação inter e intra-pessoais, inscritos no crescimento e na expansão mentais.

- 2) Concepções sobre o *risco na adolescência*: o risco é considerado fundamentalmente com base no pressuposto de que a sua *captação*, mas sobretudo a sua *significação*, envolve não só quem nele está implicado como actor, mas também quem o olha e designa como tal. Assim, o risco, que aqui será muitas vezes designado como *transgressão*, aparece submetido e inscrito na *dinâmica relacional, transformacional, de crescimento e (re)criação* do processo adolescente, sendo mesmo dele constitutivo. Em todas as suas dimensões, mesmo e sobretudo naquelas que são visíveis, dadas a ver, captadas e depois designadas, a emergência de condutas e comportamentos de risco é sempre considerada nas ló-

---

(\*) Comunicação apresentada nas II Jornadas de Psicologia do Tráfego da Prevenção Rodoviária Portuguesa – “Investigação e Intervenção na Realidade Portuguesa”, ISPA, 17 e 18 de Outubro de 2003.

(\*\*) Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. Psicóloga Clínica.

gicas e sentidos internos e interpessoais dos transgressores e dos que com eles estão envolvidos – os que designam, os que regulam, os que punem ou mesmo os que “ajudam”.

- 3) Concepções sobre as formas que toma o *saber e o proceder na avaliação psicológica*: a aceção da avaliação psicológica considerada, tem como base um absoluto imperativo regulador e organizador, sobretudo quanto às formas de proceder, que consiste em estabelecer um *percurso e um processo de construção de conhecimento* dotados de uma clara marca de coerência e convergência entre concepção de *sujeito psicológico, procedimentos e instrumentos* que permitem a ele aceder. Nesta aceção, a avaliação psicológica é considerada, ao mesmo tempo, como um processo e como um resultado de um percurso de construção e de criação a operar *na e pela intersubjectividade*.

Parece-nos importante sublinhar que as nossas concepções da avaliação psicológica se inscrevem numa lógica de *desconstrução* clara e assumida face aos mais amplos consensos existentes nesta matéria. Há muito que vimos fundamentando que a avaliação psicológica, sobretudo a que se realiza ao serviço de uma Psicologia Clínica de raiz dinâmica, não tem como inscrever-se apenas nos parâmetros que são mais habitualmente defendidos. Segundo estes parâmetros, a avaliação psicológica deve assentar na medida (comparação) e no sinal (visível e significativo face a um grupo de referência), deve submeter-se às lógicas da racionalidade e da quantificação (através da matematização dos procedimentos usados), deve operar através de critérios assentes na tecnicidade, através de uma acção subordinada ao uso de instrumentos vigiados quanto às suas qualidades ditas métricas. Neste sentido, avaliar é assegurar o rigor e a objectividade do método (o dos testes), ficando, assim, excluídos concepções e procedimentos que têm em conta que conhecer um sujeito psicológico, ou melhor, conhecer os fenómenos psicológicos que ele produz, implica e impõe, antes de mais, ter em conta o contexto em que são produzidos os fenómenos considerados, depois é fundamental inscrever o sujeito na sua própria história e, por fim, é impe-

rioso considerá-lo como ser activo e inter-activo, que (se) cria e é criado *na e pela* relação, múltiplas relações realizadas e vividas em diferentes espaços e tempos.

Assim, as nossas aceções da avaliação psicológica submetem-se a uma dupla inscrição, por um lado, nas concepções de ciência mais actuais e, por outro lado, nas concepções de ciência psicológica que permitem e impõem considerar que os fenómenos (psicológicos) só podem ser apreendidos, designados e conhecidos através das formas que têm de se dar a ver nas suas qualidades e essência – qualidades e essência sempre subsidiárias de relação, de múltiplas e sempre estritas e delimitadas relações –, fenómenos esses que são sempre locais e dinâmicos, em ligação, em comunicação e em transformação, isto é, fenómenos que devem ser apreendidos também na relação que têm com a criação, a criatividade e a auto-organização.

Face ao expresso, constituímos estes três elementos como os termos que terão de ser submetidos a uma lógica de coerência e convergência: saber do risco na adolescência implica conhecer os processos envolvidos no relacional e transformacional adolescente; saber e saber-fazer em avaliação psicológica implica ter em conta as dimensões conceptuais que explicitam o nosso objecto e objectivo de estudo – adolescente(s) e risco(s) obrigatório e inevitável, inscrito(s) no seu significado inter, intra-pessoal, relacional, transformacional e intersubjectivo.

## II

Parece-nos importante começar este percurso a partir da afirmação de que a adolescência impõe a criação de um espaço-tempo para ser *vivido* e para *existir*, e que nessa criação está sempre envolvido o *experimental*, que, ao mesmo tempo, expressa e procura sentire e sentidos. Através do viver, do existir, do experimentar, dos *sentires e sentidos* revelam-se, com formas muitas vezes exacerbadas, poderosos movimentos feitos, de um lado, de confronto, de desafio, de reivindicação, de autonomia e mesmo de transgressão, que são no entanto sempre acompanhados por angústias e incertezas, enquanto, do outro lado, estão a dependência, a confiança, o desejo e

o sonho de ser e de vir a ser e de estar ligado, igualmente portadores de angústias e incertezas.

As concepções sobre a adolescência que hoje encontramos têm uma longa história, que aqui não nos cabe explicitar, embora se imponha referi-lo, para não deixarmos de ter uma noção muito clara de que diferentes tempos e espaços produzem e consideram os fenômenos de diferentes formas. Embora os adolescentes sempre tenham sido considerados de uma maneira específica, e sempre tenham tido um papel igualmente específico e importante, através de modalidades de expressão particulares e sempre diversas segundo o tempo e o espaço em que se inscreviam, é por volta do século XVIII que a adolescência aparece com uma configuração particular que ainda hoje persiste. É nessa altura que se começa a constituir a associação entre adolescência e *perigo*. Esta noção de perigo aparece ainda mais exponencial nos últimos tempos, sobretudo quando se considera a relação entre adolescentes, grupos e condutas produzidas *nos* e *pelos* grupos. De facto, é fácil verificar que a imagem que se tem dos adolescentes é impregnada de temor, temor esse ainda acrescido da ideia de que quando agrupados eles são mesmo muito perigosos. Apesar de ser uma forma espontânea de viver inevitável, e mesmo desejável, nesta altura, a existência colectiva não lhes é reconhecida, e embora seja fomentada, ela é temida. Com facilidade sociólogos e psicólogos vêm nessa existência um funcionamento de transgressão, delinquente, perigoso, de *risco*. A representação que se tem dos jovens cai assim, facilmente, sob o signo da suspeita. Os discursos dominantes, também os da ciência psicológica, têm uma marca clara de *desconfiança* e de *receio*: sejam as drogas, a falta de disciplina, o insucesso escolar, a vulnerabilidade, o risco.

A insistência em identificar e sinalizar este grupo (minoritário) com tais marcas, leva inevitavelmente a uma expressão mais desmesurada da sua parte; para além de que o paradoxo se estabelece quando se exige *responsabilidade* e *obediência*, por um lado, enquanto, por outro, se insiste no prolongamento da *dependência* e da *desresponsabilização*. Tudo isto ocorre, a título de exemplo, através de formas de socialização cada vez mais problemáticas, marcadas, ao mesmo tempo, pelo isolamento verificado nas aprendizagens e na escolaridade cada vez mais longas, massi-

ficadas e colectivas, e pela incerteza, às vezes no limite do desespero, quanto à entrada numa via profissional e ao assumir um papel de “adulto” – autónomo, criador e produtor.

É fundamental considerar-se como inevitável, estruturante, elemento mesmo constitutivo do desenvolvimento, do crescimento e do processo de aquisição de novas formas de *socialização* e de (re)criação de novas formas de *ser* e *estar*, a relação entre *adolescência* e *transgressão de limites*. A questão central que, então, se coloca é o olhar que sobre esta transgressão incide: a transgressão do limite poderá constituir-se como um desvio, risco ou, então, poderá ser considerada como o inerente ao existir, à procura e à expressão de sentires e sentidos e ao experienciar, restando apenas, em casos de excesso, a necessidade de conter, ou, então, se for caso disso, permitir e promover a mudança e a transformação. *Prevenir* e *intervir* será, assim e antes de mais, ouvir e ver o que nas condutas está contido, aceder ao que elas significam, tomá-las como conteúdos à procura de continentes, passar do visível ao invisível, do manifesto ao latente, tudo isto através de um processo de construção intersubjectivo, entre Um e Outro, sustentado pela curiosidade e inscrito no desejo e no sonho de conhecer e ser.

A natureza do olhar e do designar, pelo próprio e pelo Outro, a natureza das condutas de Uns e de Outros – jovens, adultos e também técnicos – é o mais aceso e dorido cerne da construção adolescente. É na relação e pela relação que somos produzidos e produzimos seres, sentires e sentidos. Na adolescência, o ser, ou melhor, as diversas expressões do *vir a ser* e do *tornar-se pela experiência*, têm uma inscrição relacional inequívoca e devem ser consideradas inscritas numa *relação continente-conteúdo*, ou seja, as expressões adolescente devem ser inscritas no contexto relacional e transformacional onde se revelam, onde são dadas a ver, onde são designadas e significadas, e onde se inscreverá o seu devir.

A adolescência é um período do desenvolvimento de gradual maturação – inter e intra-psíquica, psicosexual, psico-bio-social – período este marcado por múltiplas alterações e transformações, onde se joga a necessidade de negociar, reunir e integrar múltiplas tendências diferentes e opostas. Designemo-las da seguinte forma abreviada:

- Permanente interrogação, incerteza, ver mesmo angústias sobre o sentido, a coerência e a existência de si e dos outros, que coexiste com atitudes com marcas de excesso – na afirmação de si, na reivindicação ou mesmo na oposição. Estes sentires e sentidos são vivenciados e experimentados através de condutas marcadas pela oscilação entre dentro e fora, expandir-se e isolar-se, actuar e pensar.
- Necessidade de se viver como diferente, separado e autónomo, que coexiste com os seus opostos: sentir-se demasiado igual, colado, dependente e à procura de protecção.

Estas tendências diferentes, opostas, contraditórias têm a marca clara da *clivagem* dos sentires e sentidos, de vivências de Eu e de Eu-Outro que aparecem desligados, incompreendidos, o que leva a uma vivência de incoerência e de confusão e que nos deixa ver emergir, com muita facilidade, a participação da *identificação projectiva*. Há, assim, a necessidade de negociar, de proceder e realizar integrações, de estabelecer novas relações continente-conteúdo. Emersos na oscilação entre a continuidade e descontinuidade, entre a clivagem e a integração, entre a necessidade de estabelecer uma clara distinção e separação e a comunicação realizada que visa a diferenciação sujeito/objecto, são estes os ingredientes que irão permitir a instauração e a realização, pela experiência, de um processo em que a partir do encontro, comunicação e relação entre objecto interno e externo, entre sujeito e objecto, entre Eu e Outro se irão criar novos objectos com novas características.

A forte conflitualidade interna e externa, objectal e relacional mobilizam e impõem novos processos de ligação, união e integração, transformação e simbolização, mas sempre a serem negociados com a desligação, o retraimento, a vulnerabilidade. E o papel do Outro, do externo, é aqui fundamental, como continente e como conteúdo (conter, significar...)

A exigência em investir a realidade externa com novos atributos e qualidades, a par das novas, ou melhor, das renovadas e intensas pressões internas, arrastam uma *desestabilização do sentimento de identidade*, arrastam uma enorme dificuldade em obter gratificação dos objectos, desequilibram as relações e as ligações entre interno-ex-

terno, entre Eu-Outro. Mas tudo isto ocorre sempre a par com um forte desejo de devir, de vir a ser. Neste processo, de difícil negociação e estabilização, actuam, por um lado, ligação e desligação e, por outro, expansividade, privilegiar o externo e retraimento, isolamento. Neste processo ocorre *construção, criação, tornar-se*. E o papel do Outro é aqui fundamental, fonte simultânea de equilibração e desequilíbrio, numa relação continente-conteúdo.

É neste caldo temperado por movimentos de *regressão e progressão* e por *falhas de contenção e de elaboração* (fortemente inscritos e subordinados pela capacidade de operar a restauração e o retempero narcísicos e pelas qualidades das relações com o meio), que se vão vivenciando e inscrevendo sentires e sentidos de permanência mas também de mudança; de decepção, perda, falta mas também de conquista. É neste caldo que surge a necessidade e inevitabilidade de agir e o imperativo de se tornar. É neste caldo que se vai procedendo à (re)constituição dos objectos, internos e externos. É neste caldo que se vai (re)descobrir e (re)construir o adolescente com novos objectos, sentires e sentidos.

Este processo, o de *tornar-se*, leva ao estabelecimento de uma nova *barreira de contacto*, entre os objectos, entre o dentro e o fora, e entre o consciente e o inconsciente. É através dessa barreira de contacto *em acção* e *em transformação*, é através dessa actividade de ligação, comunicação, de ajustamento e transformação das realidades interna e externa, que se criam novas realidades, que conduzem a novas experiências, que levam a novas relações continente-conteúdo e a novas significações. É através do uso desse limite, ou estrutura (que tem por função ser, ao mesmo tempo, recipiente para conter, guardar, superfície e meio de troca), que se pode dar a função interna de *conter e simbolizar*, que permite a (re)construção de objectos no espaço interno e a criação de sentires e sentidos, de sujeito e objectos renovados.

São as mudanças e as transformações constitutivas do processo adolescente que arrastam e impõem uma acção renovada e renovadora da barreira de contacto. Actuando e transformando, e sendo actuada e transformada, em simultâneo, a barreira de contacto arrasta o exercício de uma visão binocular, que dá origem à (re)criação de novos objectos e que, em simultâneo, é ela mes-

ma também modificada. É esta a sua função: acção renovadora e renovada, transformadora e transformada, criadora e (re)criada de sentires, sentidos, sujeitos e objectos.

É tomada neste sentido que a adolescência (dada a necessidade de estabelecer novas diferenciações, ligações e comunicações entre Eu-Outro, dentro-fora, consciente-inconsciente através do pré-consciente) é considerada como mobilizando fortemente o uso da clivagem e da identificação projectiva na sua dupla polaridade e reciprocidade construtiva, ao mesmo tempo, vinculativa e elaborativa: por um lado, separação e distinção, por outro lado, confusão, indiferenciação e esbatimento de limites entre objectos; estando a reciprocidade na criação de novas ligações, uniões e integrações.

Como última acepção a ser convocada para explicitar o processo adolescente, aparece o conceito *conflito estético*, na acepção estabelecida por Meltzer, como conflito inerente ao desenvolvimento. O centro do conflito estético é a capacidade de permanecer na incerteza, é a capacidade negativa face ao objecto, é o conflito entre o exterior manifesto e o interior ambíguo do objecto, que vai incitar a pulsão epistemofílica. Assim, um aspecto importante a considerar no processo adolescente é a natureza do desejo e da capacidade de conhecer, de explorar e de crescer, de estabelecer uma relação íntima e profunda com o(s) objecto(s), sempre emersa na incerteza e sempre a poder ser salva pelo vínculo C (conhecimento). A natureza de tal desejo e capacidade vêm-se através das possibilidades que se expressam em (re)criar objectos que levam à sua (re)criação como sujeito. O processo adolescente, processo de desenvolvimento e de crescimento, considerado como actividade permanente e incessantemente actuada e realizada, actividade de ligação criadora entre as formas do mundo externo e o impacte e as significações emocionais do mundo interno, leva a que, sem cessar, se constituam novos objectos, ou objectos com novas características, que vão renovando o próprio sujeito.

Para encerrar esta explicitação sobre o processo adolescente, recorremos de memória a um apelo escrito pela pena de Jorge Sena, pretendendo, assim, dar voz ao adolescente que ele foi e através da qual procuramos dar voz a outros adolescentes: *dêem-me espaço para ver passar o tempo!*

Este é o apelo mais vivo dos adolescentes, que nos interpela e impõe ser ouvido e considerado.

Nesta linha, no dar voz ao adolescente, não resistimos a aqui deixar uma expressão directa e mais extensa de um dizer de adolescente, que bem melhor ilustra alguns dos aspectos aqui referidos. Da mesma pena atrás referida, Jorge Sena, transcrevemos o poema *Mudança*, por ele escrito em 1939, aos 19 anos de idade:

### **Mudança**

Agora

as coisas mais redondas são cortantes  
e as evidentes confusas  
e as mais singelas complicadas  
e o movimento parou por ser acompanhado  
e a inércia parou porque eu a abandonei  
e as coisas estão todas  
aquém de serem coisas.

Já sei que vou mudar de novo...

Sim...

Já sei que vou sentir mais largo  
um mais largo que pode ser o mais estreito,  
já sei que vou sentir um sonho  
a vida deste período passado  
e sonho desse sonho a vida que foi antes,  
já sei que as coisas feitas há alguns instantes  
vão parecer impossíveis,  
incompreensíveis,  
e tão mais distantes  
que o acontecido há muito tempo...

Já sei que vou mudar de novo...

sem razões sensíveis, nem razões palpáveis...  
mas com razão  
porque me basta ser para mudar.

Sei que vou mudar...

Terei ou não terei mudado agora mesmo?  
Talvez que só agora o sinta  
e esse sentido de sentir leve mais tempo que os outros  
por chegar do fundo até ao pensamento  
e do pensamento até eu perceber.

Vou mudar...

Neste instante já mudei  
agora ou antes...  
e já sei

que tudo isto me vai parecer estranho,  
que me vou esquecer de tudo isto  
e que até nova mudança  
não mais me lembrarei.

Com toda a lucidez apenas possível para quem vive e sente as “coisas” de que falávamos, e para quem tem a capacidade de as poder dizer através de forma tão partilhável e bela, podemos, então, retomar de uma nova forma o que atrás apresentámos, seguindo a notável sequência que o poema apresenta: o que era e deixou de ser; o que se pode (co)mover; a emergência de um Eu hesitante e vacilante, mas também desejoso e inscrito no sonho; o existir de um Eu ancorado num espaço e tempo dilatados e restritos, submetido e cioso do saber e do ser, e onde o olhar e o ver aparecem subordinados ao sentir e aos sentidos; um Eu inscrito, irremediável e inevitavelmente, no pensamento, no transformacional, no devir.

São apresentados e narrados os sentires e sentidos (conteúdos) que, ao mesmo tempo, se dividem e se procuram ligar, unir e integrar (continente): redondo/cortante; evidente/confuso; singular/completo; movimento/inércia; acompanhado/abandonado e abandonante; o aquém (a inevitável falta); mais largo/mas estreito; sonho/realidade; antes/agora/depois. De seguida, emerge o desejo, a necessidade e a inevitabilidade de mudar: mais sentir (mais largo e mais estreito); sem razões mas com razões (ser é mudar); já feito (impossível, incompreensível, distante). Por fim, ser é mudar: passado, sonho, pensamento, lembrança e esquecimento.

### III

Assim estabelecidas as acepções, as concepções e os conceitos fundamentais sobre a adolescência e o risco, avançamos agora para a explicitação das formas a que se deve submeter a avaliação psicológica. Que estratégias, procedimentos, objectos e objectivos nela podem e devem estar envolvidos? Podemos, desde já, explicitar que a formulação apresentada terá de ser tida em conta, ou seja, serão exactamente estes os parâmetros a ser considerados e perseguidos em termos da avaliação psicológica.

Se, tal como enunciámos no princípio, é fundamental uma concepção que reúna, por coerên-

cia e convergência, teoria e metodologia, teremos então de apresentar os princípios e fundamentos que devem organizar e fundear uma qualquer avaliação psicológica, no caso que aqui explicitamos a do adolescente, com vista à *determinação do risco, para depois se poderem estabelecer as melhores formas de intervir*. Assim, os procedimentos a estabelecer devem ser dirigidos e conduzidos *para e pela* própria essência dos processos intra e inter-pessoais, a serem inscritos na sua própria lógica de comunicação, de ligação e de transformação entre o interno e o externo, o Eu e o Outro.

Tal como temos vindo a apresentar há algum tempo, uma abordagem clínica assente numa metodologia à qual chamamos projectiva, na qual ocupa um lugar de grande destaque o Rorschach, possibilita esta captação. Se tomarmos como ilustrativo a nossa conceptualização sobre o processo de construção de imagens, conceitos, símbolos que são as respostas Rorschach, mergulhadas que estão numa narrativa que as sustém, vemos como é possível aceder ao como cada sujeito *procede e processa face ao objecto, ao impacte do objecto sobre o sujeito e à relação, comunicação, ligação e transformação entre sujeito e objecto, caldeada pela e na intersubjectividade*.

Uma metodologia deste tipo, clínica, com origem e inscrição numa definição teórica *a priori*, em que aquilo que se procura e se vai construindo laboriosamente são as dimensões ligadas a *processos* que ocorrem no sujeito e *nas relações que ele estabelece com os objectos*, podendo apreciar-se, assim, não só o nível a que acedeu, mas também às possibilidades que expressa em criar, recriando, novos objectos – estando envolvidas aqui acepções de mudança, progressão, desenvolvimento, mas também acepções concernentes às manifestações de ser psicológico complexo, potenciadas *no e pelo* contexto e relação onde são solicitadas, excitadas e emergem. Este tipo de metodologia, que é formalizado a partir dos seguintes eixos: relação, interpretação, comunicação e simbolização, possibilita perseguir a designação, a explicitação, a expressão e a revelação dos mecanismos psíquicos em acção nos processos de ligação, transformação e criação. No mais essencial, aquilo a que se acede através desta metodologia, é ao processo de elaboração e de construção de diversas narrativas pessoais (entre as quais estão, por exemplo, as imagens Rors-

chach ou as histórias TAT), acede-se ao trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, Um e Outro, subordinada pela relação, pela intersubjectividade. O que emerge é um “novo objecto”, que nasce da confrontação – envolvimento, proximidade e distância, ligação e separação – entre interno e externo, que impõe um trabalho de transformação, construção e comunicação de um sentido, submetido pelo contexto situacional e relacional onde as narrativas são solicitadas, emergem, são criadas e depois comunicadas. O trabalho mental envolvido nesta situação revela, assim, a natureza da organização e a essência dos objectos internos mobilizados pela natureza da organização e essência dos objectos externos, a natureza dos processos de união e integração, de recriação, de uns por/com outros, revela a natureza e essência do sujeito potenciada pelo(s) objecto(s).

Assim considerada, a situação de avaliação psicológica pode ser definida como uma forma de aceder ao conhecimento das características da realidade psíquica, das propriedades e qualidades da mente, das relações que o sujeito estabelece com os objectos e do impacte e ressonância que os objectos têm sobre o sujeito, através da expressão e revelação da forma como os objectos se podem assimilar e reunir, para depois desse contacto, se poderem separar e recriar.

Uma metodologia deste tipo assenta nas premissas de que uma acção psicológica, mesmo a instrumental, visa revelar o processo de construção de sentido, onde opera a significação e simbolização, inscritas numa relação continente-conteúdo, que assenta e expressa a simbolização (criação de novos objectos, de novas relações continente-conteúdo) e o pensamento.

O dar sentido, a procura de sentido, a significação, a simbolização e o pensamento operam através do envolvimento e comunicação entre percepções e representações internas e externas, numa lógica de identidade, sempre relativa, mas também de transformação recíproca das percepções e representações (dado que não se trata de uma relação de igual a igual, mas sim de um sentido a encontrar, que reuna e separe interno e externo, no aceder a um novo objecto).

São as qualidades dos objectos externos (incluímos a própria avaliação enquanto tal, tomada no seu todo, mas sobretudo com destaque para o lugar e papel do próprio psicólogo) que mobili-

zam a expressão/revelação das qualidades e das ligações e transformações dos objectos internos (o sujeito em avaliação). Mas também a recíproca.

É possível e é fundamental apreciar-se como sujeito(s) e objecto(s) se ligam (e ligam), se transformam (e transformam) se envolvem e comunicam e (re)criam as realidades e os objectos, internos e externos.

Criar sentidos, pensar, sonhar e crescer é reunir e separar, é comunicar, ligar e transformar, simbolizar e pensar. Na avaliação psicológica e na adolescência, o fora deve ser investido, reconhecido, explorado e experimentado, mas tal acontece sempre em função do dentro. E, mais uma vez, também a recíproca. É neste movimento de vaivém entre o fora e o dentro e entre o dentro e o fora, que ambos os mundos se enriquecem e transformam, adquirem novas qualidades e funções, que impõem o escolher, abdicar, inovar, tornar coerente e integrar. Este é o movimento de dar sentidos, de acrescentar sentidos, é a essência do criar e do crescer.

Esta proposta não tem como imperativo a exclusão de outras formas de abordar o nosso objecto de estudo, visa apenas acrescentar outras formas e pontos de enfoque. Haverá, na perspectiva aqui apresentada, lugar para a procura de validação na lógica clássica do método dos testes? É claro que aqui está apresentada uma outra ordem de factores, onde a verdade não é demonstração e não se obtém por correspondência mas sim por coerência. A inscrição desta perspectiva aparece no campo da significação, campo este que não exclui a validação, embora a subordine a princípios que aqui não cabe discutir.

Para finalizarmos, resta um último esclarecimento. Não se pretende com esta proposta reduzir a importância do fenómeno que aqui nos ocupa – adolescente, risco, sinistralidade – mas apenas propor o contributo de um certo olhar clínico sobre o sujeito, os fenómenos que produz, o sentido que neles vemos, formas estas que irão determinar a natureza da intervenção. Nesta proposta, o enfoque é posto na procura da lógica e da verdadeira essência do que em cada sujeito actua, que vai conduzir ao expresso e ao visível, nos comportamentos e condutas de risco que, todavia, sabemos ser, na adolescência, inevitáveis e até mesmo desejáveis. Há, voltamos a sublinhar, todavia, forças internas e externas que ne-

les podem estar contidos e que, no limite, nos impõem mesmo colocar a questão da relação com a morte, que de tão temida pode passar a ser tão desafiada. Assim, ver as forças elaborativas e integrativas de cada sujeito impõe igualmente esclarecer a força e a natureza da pulsão de morte, da desintegração, da dispersão, da vivência de catástrofe, o lugar da falta, do negativo por excelência.

#### REFERÊNCIAS

Marques, M. E. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi.

#### RESUMO

A partir de uma conceptualização específica sobre a adolescência e o risco, a autora propõe alguns parâmetros específicos para a avaliação psicológica. Considerada a adolescência como um período do desenvolvimento no decurso do qual surge o risco-transgressão como uma expressão fundamental, os parâmetros propostos em matéria de avaliação psicológica são estabe-

lecidos em função da apreciação que deve ser feita das vicissitudes do processo adolescente, tomadas nas suas diversas expressões: inter e intra-psíquicos; relacionais; de (re)criação e transformação; de simbolização.

*Palavras-chave:* Adolescência, desenvolvimento, risco, transgressão, avaliação psicológica, processos inter e intra psíquicos e relacionais, (re)criação, transformação e simbolização.

#### ABSTRACT

Based on a specific conceptualization on adolescence and risk, the authoress proposes some specific parameters for psychological assessment. Adolescence is considered a developmental period in the course of which risk-transgression arises as a fundamental manifestation, and so the proposed parameters in psychological assessment are established in terms of the necessary consideration of vicissitudes inherent to adolescence process, taken into account its various manifestations: inter and intrapsychic; relational; of (re)creation and transformation; of symbolization.

*Key words:* Adolescence, development, risk, transgression, psychological assessment, inter and intra and relational processus, (re)creation, transformation, symbolization.